

Começou a dar pane nos freios da alta de preços

O governo atravessou 1993 tentando conter a inflação com dois freios precários, a taxa de juros e o controle de caixa do Tesouro. Em julho o controle de caixa entrou em pane. Houve déficit naquele mês, em agosto e outubro. Em novembro houve superávit e parte dos gastos de dezembro foi jogada para 1994. Neste mês, a taxa de juros também começou a falhar como instrumento de segurança.

Em apenas uma semana, o mercado recebeu uma injeção de dinheiro equivalente a US\$ 6,8 bilhões, com o resgate de títulos públicos. O Banco Central (BC) não conseguiu substituí-los por papéis de sua emissão de pelo menos 28 dias de prazo. Para fazê-lo, teria de oferecer juros compatíveis com uma inflação superior a 40% em 30 dias. Sem querer sancionar essa expectativa, o BC teve de enxugar o mercado da pior maneira possível, recolhendo dinheiro em troca de papéis seus de curtíssimo prazo. Também acabou vendendo títulos do Tesouro com correção cambial e grande prêmio de juros.

Trocando em miúdos: desde o início do segundo semestre, ficou mais difícil conter a expansão do dinheiro em circulação no mercado. Tornou-se mais difícil, portanto, impedir a escalada contínua da alta de preços. A causa principal da emissão de dinheiro continua a ser o ingresso de dólares. Entra dinheiro de fora por causa do superávit comercial (cerca de US\$ 13,5 bilhões neste ano), dos financiamentos obtidos pelas empresas e dos investimentos estrangeiros, principalmente nas bolsas. Chegam financiamentos porque os juros no Brasil são mais altos que no Exterior. Quanto aos investimentos, são atraídos principalmente pelas ações ainda baratas. De janeiro a outubro deste ano, a captação de recursos externos totalizou US\$ 23,75 bilhões. De janeiro a outubro do ano passado, US\$ 14,41 bilhões. Em outubro, as reservas cambiais estavam em US\$ 22,2 bilhões, medidas pelo conceito de caixa (dinheiro imediatamente disponível), ou US\$ 29 bilhões, medidas pelo conceito de liquidez internacional. (R.K.)